

O crioulo guineense e a oratura

Moema Parente Augel*

Resumo

O crioulo ou língua guineense desenvolveu-se a partir do secular e continuado contato com os colonizadores portugueses. Teve a função social de língua veicular entre os falantes de origens as mais diversas, passando ao estatuto de idioma autônomo, tanto do ponto de vista gramatical quanto lexical. Hoje é considerada língua da unidade e da identidade nacionais, sendo crescente a incidência de falantes que têm o crioulo como primeira – e mesmo única – língua, sobretudo nos centros urbanos. Como segunda língua (falada depois da língua étnica), a percentagem eleva-se aos 90% ou mais, enquanto não atinge os 10% o número de falantes do português, língua oficial do país. Não existe ainda uma ortografia normatizada do crioulo, o que dificulta (mas não impede) a expressão escrita. Além da transliteração da oratura e de folhetos populares de propaganda política ou com fins educativos ou utilitários, praticamente todos os escritores guineenses utilizaram ou utilizam, com maior ou menor frequência, a língua guineense.

Palavras-chave: O crioulo ou Língua Guineense; Função social; Unidade e identidade nacional; Literatura oral.

O kriol [...] é a raiz da contemporaneidade guineense.
Carlos Lopes, “A dimensão africana”.

A colonização européia deixou marcas indeléveis nos países onde exerceu domínio. Uma delas é, sem dúvida, a língua. Silviano Santiago (1976) escreveu uma vez, com grande justeza, em **Uma literatura nos trópicos**: “Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua” (p. 16).

No Brasil, o português impôs-se sobre as centenas de línguas indígenas que foram em grande parte aniquiladas com os seus falantes, e as poucas restantes

* Universität Bielefeld (Alemanha).

conhecem uma área extremamente restrita de circulação. Na África, entretanto, à multiplicidade étnica corresponde igualmente uma grande e dinâmica multiplicidade lingüística e a Guiné-Bissau é um dos exemplos marcantes onde as línguas autóctones foram em grande parte conservadas e continuam presentes no cotidiano da população.

Devido justamente à riqueza e à variedade do mosaico étnico guineense, a necessidade de contato entre os colonizados e o colonizador (funcionário administrativo, comerciante ou missionário) resultou no aparecimento de uma língua franca, de um veículo de comunicação: o crioulo da Guiné-Bissau. Já no decurso do século XVI, através dos primeiros contactos de viajantes e navegadores portugueses com as populações locais, isto é, os povos da costa da Senegâmbia até Cabo Verde, se foram formando, pouco a pouco, tanto o crioulo guineense, como o caboverdiano e o de Ziguinchor, todos os três de base lexical portuguesa.

Os lingüistas definem os crioulos como um sistema lingüístico em que o léxico é tomado na sua maioria de empréstimos da língua base, a língua do dominador, e as estruturas são resultantes dos substratos das línguas africanas.¹ Foi do contato do português com as línguas étnicas mais correntes naquele território que nasceu o crioulo guineense que acabou se tornando o idioma da unidade nacional.

Desenvolvendo-se a partir dos continuados contatos com os portugueses, durante quatro séculos, esse falar passou pouco a pouco ao estatuto de idioma, organizando-se estruturalmente, sedimentando-se na sua forma nacional e genuinamente guineense. “O crioulo”, escreveu uma vez Carlos Lopes (1988) “durante a longa noite colonial, foi sistematicamente desprezado, considerado um dialecto redutível ao português, falado por africanos, proibido no ensino” (p. 227). Tolerado, mas também combatido, viveu lado a lado com o português, em relação ao qual esteve por muito tempo em situação de diglossia.

Luigi Scantamburlo (1997), sacerdote italiano com longos anos de experiência no país, defende a adoção do termo “guineense” para a língua majoritária da Guiné-Bissau, pois “esse termo não tem as conotações pejorativas veiculadas pela palavra ‘crioulo’, relativamente ao termo língua, testemunhando, ao mesmo tempo, o prestígio obtido face à sociedade da Guiné-Bissau nestes últimos trinta

¹ Vários autores se têm ocupado com a língua guineense, tanto em ensaios tratando de alguns aspectos específicos, como apresentando uma sistematização gramatical completa, como Kihm e Rougé (1992), Couto (1994), Scantamburlo (1997). Dicionários ou “vocabulários” existem também vários, destacando-se Biasutti (1981, 1987) e os trabalhos de Luigi Scantamburlo, a começar pela ainda modesta **Gramática e Dicionário da língua crioula da Guiné-Bissau** (1981), até culminar com sua tese de doutorado, publicada em dois volumes: um introdutório e dedicado à gramática e um dicionário bilingüe (SCANTAMBURLO, 1997 e 2002). Sobre o “saber” da língua crioula versa a obra pioneira de Benjamim Pinto Bull (1989), onde é dado um amplo espaço ao crioulo e suas diferentes manifestações culturais.

anos” (p. 6).² A denominação guineense ou língua guineense ainda não se impôs, mas não tenho dúvida que isso acontecerá. Empregarei aqui, indiscriminadamente, os dois termos.

A língua guineense conheceu grande expansão durante as lutas de libertação. A mensagem política dos revolucionários era transmitida em crioulo e essa sua função emprestou-lhe o aura de língua da unidade nacional, de “detentor sócio-linguístico do conceito de independência”, para usar uma expressão de Carlos Lopes, um dos mais ilustres pensadores guineenses contemporâneos.³ Durante a luta armada, uma das muitas medidas iniciadas por Amílcar Cabral, o “pai da nação guineense”, foi uma alargada alfabetização, tanto das crianças como dos adultos, feita naturalmente em crioulo. Depois da independência, para a educação de adultos organizou-se uma primeira cartilha com o título “Kebur” (colheita), a ela seguindo-se um segundo volume, “No lei” (nós lemos). Esse esforço, que parece ter começado com tanto empenho e entusiasmo, tendo tido a colaboração, inclusive, do pedagogo brasileiro Paulo Freire, acabou por adormecer, uma vez que os dirigentes da nova república, no afã de provar ao mundo que o país tinha capacidade para modernizar-se e estava aberto à “civilização”, sinônimo de europeização, procurou combater as manifestações tradicionais.

Os tempos mudaram e a língua guineense foi readquirindo aceitação e, em certos círculos, mesmo prestígio. O emprego praticamente generalizado dessa língua veicular durante as campanhas eleitorais, já desde as primeiras eleições multipartidárias realizadas na Guiné-Bissau, no decorrer de 1994, assim como o seu uso nos debates da Assembléia Nacional e em um número cada vez maior de programas da rádio e da televisão guineenses, só fazem confirmar o óbvio dessa escolha espontânea e consagrada. Hoje em dia é cada vez maior a incidência de falantes do crioulo como primeira – e mesmo única – língua, sobretudo entre os mais jovens, nos centros urbanos. E, como segunda língua (falada depois da língua étnica), a percentagem eleva-se aos 90% ou mais.⁴

² Com a liberalização econômica que teve lugar desde 1987, deu-se um grande surto de urbanização; a população de Bissau cresceu de 80.000 habitantes em 1975 para 300.000 em 1996, segundo as estimativas. Essa população utiliza o crioulo como língua veicular num contexto multilíngüe (cf. SCANTAMBURLO, 1997, p. 7). Em 2001, população da capital tinha diminuído para 290 mil habitantes, talvez devido às emigrações ocasionadas pela guerra de 1998-1999. As outras duas maiores cidades são Gabú e Bafatá, ambas com pouco menos de 60 mil habitantes (1999).

³ Carlos Lopes (1988) lembra um pormenor importante: “Tendo-se desenrolado a luta armada principalmente no campo, é após a independência que o crioulo irá ter uma maior difusão nas cidades”. E continua: “Esse fenómeno de apropriação pela parte urbana da população eruditizou o crioulo, injectando expressões vizinhas do português” (p. 231).

⁴ É comum darem-se títulos em guineense a jornais (como **Nô pitncha**, o jornal mais antigo do país; **Kansaré**), revistas (**Soronda**; **Tcholona**), coleções literárias ou ensaísticas (coleção **Kebur**; coleção **Lus bin**), ou a eventos ou projetos (**Firkidja**), nomes de estabelecimentos comerciais (**Banta-ba**), para só dar alguns exemplos.

Assim, falar da Guiné-Bissau como “país de língua portuguesa” implicaria em não levar em conta que ali o português, especificamente no caso da Guiné-Bissau, é uma língua falada por uma minoria bastante rarefeita. As implicações ideológicas do termo “lusófono” são de certo modo até mesmo perversas, seguindo o pensamento do estudioso beninense Guy Ossito Midiohouan (1986) que se refere especialmente ao francês. Admitir que os guineenses sejam lusófonos é distorcer a realidade, pois isso implicaria admitir que falam habitualmente o português. Mas o português na Guiné-Bissau, embora seja a língua oficial do país, não é nem a língua primeira da maior parte da população, nem mesmo a da “elite” instruída, que não a fala espontaneamente em situações descontraídas, no seu meio de origem. Poderia ser viável, talvez, falar que a Guiné-Bissau é um país lusógrafo, embora essa realidade venha sendo pouco a pouco confrontada com o crescente emprego da língua guineense também na comunicação escrita.⁵

Tendo-se implantado sobretudo em Bissau, o guineense vem afirmando-se cada vez mais, tanto em número de utentes como em prestígio. Em 1979, o censo demográfico computava 15% da população que tinham o crioulo como primeira língua, enquanto que 44,3% a falavam como língua segunda. Embora os dados não sejam unívocos, alguns autores chegam a afirmar que a percentagem se elevou até a 90% ou mais (BENSON, 1994; HOVENS, 1994),⁶ o que atesta o significativo crescimento do uso desse idioma.⁷ Sempre se tem que levar em conta que a contagem se faz considerando os falantes do crioulo como primeira, segunda ou mesmo terceira língua, pois as línguas étnicas continuam vivas e presentes no âmbito familiar, onde os membros de cada etnia expressam-se entre si no seu idioma tradicional.

Na “praça”, isto é, na cidade, o pertencimento étnico se dilui e grande parte das crianças e dos jovens das cidades muitas vezes até desconhecem as línguas ancestrais, não chegam nem mesmo a aprender o português, tendo o crioulo como seu único meio de expressão. Apesar de tudo, há, entretanto, uma certa situ-

⁵ Essas constatações não significam de modo algum que o português não seja importante para e no país. É, sem dúvida, a língua portuguesa que abre ao país a janela para o mundo, e não só para os Palop, e considero indispensável seu ensino e a divulgação na Guiné-Bissau. Tanto o Brasil como Portugal mantêm em Bissau centros culturais que quase exclusivamente se limitam ao ensino do português. Mas seria preciso fazer-se muito mais, e não apenas irritar-se com a política “agressiva” da França, cujo centro cultural promove regularmente concertos e exposições, inclusive de artistas locais, palestras, apresentação de filmes, atividades da maior importância devido à falta de cinemas e de outras ofertas culturais na cidade.

⁶ Cf. sobretudo as informações apresentadas por Carolyn Benson (1994), que compara, numa tese de doutorado, os dados do censo de 1979 com os de 1991 e com as estimativas de 92/93, diferenciando o uso do crioulo como língua primeira, segunda ou terceira (Cf. também SCANTAMBURLO, 1997).

⁷ É ainda Carlos Lopes (1988) que lembra que também as línguas fula e mandinga são línguas veiculares importantes para a comunicação dentro da subregião, sobretudo entre a vasta população muçulmana do Senegal, República da Guiné e Guiné-Bissau (mas não só).

ação de ambigüidade, uma vez que o crioulo continua a não ser aceito como a língua de ensino nas escolas. A primazia da língua guineense não significa monolingüismo e é sempre bom de novo lembrar que o crioulo é a língua urbana da Guiné-Bissau, enquanto nas zonas rurais continua viva a língua étnica predominante.

Ao contrário das línguas étnicas, de existência milenar, a criouliização é um fenômeno recente e está ligada ao processo de expansão do imperialismo europeu no mundo, sendo o resultado da necessidade de uma comunicação em sociedades multilíngües. O guineense, hoje em dia uma língua autônoma, tanto do ponto de vista gramatical quanto lexical, é uma língua mestiça, com a função social de língua veicular, ponte de comunicação entre os falantes de origens as mais diversas.

É necessário ainda fazer uma distinção entre os diferentes níveis da língua guineense. As variações são, naturalmente, tanto de ordem diatópica e diacrônica, como diastrática. Na “folklingüística local” [a expressão é de Hildo do Couto (1994, p. 54)] diferencia-se entre o *kriol lebi* (crioulo leve) e o *kriol fundu*, isto é, a língua mais próxima do português e aquela tradicional, falada hoje em dia sobretudo pelos mais velhos ou em certos espaços menos influenciados pela escola. É Hildo do Couto (1994) que propõe, no campo lingüístico guineense, uma escala de variabilidades que vai das línguas nativas ao português lusitano, passando pelo crioulo nativizado, o crioulo tradicional, o crioulo aportuguesado, o português acrioulado (p. 53).⁸

São muitas as dificuldades e os obstáculos com que as línguas étnicas se defrontam, não tendo até o momento conseguido chegar a constituir um veículo para a expressão escrita. O guineense, que se desenvolveu essencialmente nas cidades, como já foi dito, tinha e tem todas as possibilidades para isso, mas só a duras penas vem conquistando o estatuto de língua escrita. Trata-se de um idioma pleno de metáforas, flexível e maleável, que joga com a liberdade da composição e da derivação, a facilidade das transferências categoriais do verbo para o substantivo e vice-versa, que se deleita com palavras raras e sonoras extraídas do enredado de empréstimos africanos que compõem o crioulo antigo (KIHM; ROUGÉ, 1992, p. 29). Seu léxico é constituído sobretudo de empréstimos do português (80%), adaptado e transformado. O sistema gramatical está hoje em dia completamente estruturado e a língua demonstra uma grande vitalidade e capacidade de acrescentar neologias, tanto de forma como de conteúdo (ib., p. 56).

Até o fim do século XIX, não se conhece nenhum registro nessa língua a não ser a transcrição de algumas palavras, como atesta Bertrand Bocandé em 1849. O

⁸ A escala e a nomenclatura são do crioulista brasileiro, mas me permiti inverter a ordem, começando não pelo português, como consta de seu livro, mas pelas línguas nativas.

cônego guineense Marcelino Marques de Barros, que havia divulgado já em 1882 alguns poemas e canções em crioulo, publicou em 1900 a **Litteratura dos negros**, onde transcreveu no idioma original, além do crioulo, canções e pequenas histórias da tradição oral de diversas etnias, de qualidade literária incontestada. É também de sua autoria o ensaio “Guiné Portuguesa ou breve notícia sobre os usos, costumes e línguas da Guiné”, saído numa revista portuguesa em 1882, com “duas páginas de um vocabulário sucinto, com várias colunas: Português, Mandinga, Beafada, Fula, Balanta e Bijagó” (BULL, 1989, p. 97). Embora se reconheça seu imenso valor, a obra pioneira desse sacerdote guineense ainda não foi completamente estudada. O **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (B.C.G.P.)**⁹ divulgou, em mais de uma ocasião, artigos sobre várias línguas étnicas, com amostras do vocabulário. Durante o período colonial, autores portugueses, em geral funcionários da administração lotados na “Guiné”, reproduziram uma ou outra amostra da tradição oral das diferentes etnias, sem nunca ter havido, ao que me consta, uma coletânea inteira em alguma das muitas línguas faladas na Guiné-Bissau. Assim, mesmo não sendo abundante, o registro do crioulo foi-se fazendo ao longo do tempo.

O fato da língua guineense estar inserida numa sociedade multilíngüe e de até hoje não ter havido uma regulamentação para sua escrita ocasiona uma grande insegurança quanto à maneira de grafá-la, sendo natural um certo número de variações e incertezas, a começar pela própria denominação: *crioulo*, *criol*, *kriol*, *kiriol* são algumas variantes mais freqüentes.

A língua mais corrente no país não conhece, até o presente, nem uma ortografia fixada nem uma escrita normatizada. Em 1987, o Ministério de Educação, Cultura e Desporto apresentou uma “Proposta para unificação da escrita crioula”, com uma ortografia eminentemente fonética, tendo como base o alfabeto latino, mas tentando suprir ora com empréstimos do alfabeto internacional, ora com convenções locais, a transcrição dos sons próprios do crioulo e inexistentes no português.

Foi Benjamin Pinto Bull quem primeiro elaborou um trabalho extensivo e muito fundamentado sobre o crioulo ou língua guineense. Sua tese de doutorado, defendida em Dacar, é muito mais completa e minuciosa do que a excelente publicação, dali resultante, sobre a filosofia e a sabedoria do crioulo, editada em

⁹ O **Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa (B.C.G.P.)** não tem similar nos outros países de colonização portuguesa. É uma publicação do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, com sede em Bissau, e saiu durante 28 anos (1946-1973), em ritmo trimestral, totalizando cento e dez números. Constitui um repositório precioso de informações no campo da administração colonial e no âmbito cultural com artigos os mais variados. Ao lado de uma consideração positiva e mesmo de aplauso face à riqueza documental ali contida, não se pode esquecer o caráter de órgão de dominação e de representação da ideologia colonial que constitui a essência e a razão de ser desse periódico.

conjunto em Lisboa e em Bissau, em 1989, com um prefácio de Léopold Sédar Senghor. Bull, apresentando fartos exemplos, discorre sobre diferentes manifestações do crioulo na oratura, ou seja, nos contos (*storia*), nas adivinhas (*dibiña*), nos provérbios (*ditu*), dos quais alista um grande número.¹⁰

Apesar das dúvidas a respeito da codificação da escrita, existe um número cada vez maior de publicações em guineense, entre elas, sobretudo, trabalhos envolvendo a tradição oral ou publicações de cunho religioso.¹¹ Também folhetos com informações utilitárias, entre outras sobre questões sanitárias e médicas, campanhas de saúde de base, esclarecedoras, por exemplo, quanto aos perigos da *sida* (ou *aids*) ou de prevenção ao cólera; da mesma forma os folhetos de propaganda eleitoral que pretendem alcançar um público mais amplo, são apresentados hoje em dia quase sempre nesse idioma. Parece-me que o crioulo é usado, por parte das instituições, sempre que existe um interesse maior de alcançar o povo menos letrado e de fazer-se de fato ouvir. No mundo da política, por exemplo, popularizou-se desde a democratização do país e do pluripartidarismo, o que não impede que, em algumas regiões, ainda seja necessária a presença de um tradutor durante os discursos públicos das autoridades ou candidatos. Igualmente, as religiões não hesitam em cada vez mais lançar mão da língua guineense (como de outras línguas étnicas) para melhor alcançar seus objetivos de catequese. A propaganda comercial, tanto nos jornais, na rádio como na televisão, também já reconheceu a eficácia desse meio de comunicação, enquanto as escolas mantêm, quase que de modo generalizado, a fixação no português como língua primeira de ensino.¹² O êxodo escolar e o mau desempenho de uma grande parte dos alunos podem ter aí a sua origem.

¹⁰ Sobre Pinto Bull e seus méritos como crioulista e homem de cultura, cf. o artigo que Leopoldo Amado publicou por ocasião de seu falecimento (2005), “Elegia ao Professor Pinto Bull”, disponível na internet, no site: <http://didinho.no.sapo.pt/elegiaaoprofessorpintobull.html>. Esse site, aliás, é muito informativo e contém várias seções de interesse.

¹¹ Acrescente-se ainda que tanto a igreja católica como as diversas igrejas protestantes estavam, nos últimos anos antes do conflito armado de 1998-99, empenhadas em publicar livros ou brochuras com textos bíblicos, cânticos religiosos e orações tanto na língua nacional como em outras línguas étnicas (sobretudo o pepel e o balanta), assim como cadernos de educação de base. O Novo Testamento, e mais tarde o texto da missa católica, também aparecem em crioulo, em mais de uma versão, em edições organizadas pela Diocese de Bissau. Da mesma forma, a igreja evangélica já publicou o Novo Testamento, que foi editado tanto em crioulo como na língua pepel, e outros textos bíblicos e didáticos para fins de evangelização. Todas essas atividades foram interrompidas pelo recente conflito. De junho de 1998 a maio de 1999 a Guiné-Bissau foi convulsionada por uma guerra fratricida que culminou com a deposição do então presidente da República, João Bernardo (“Nino”) Vieira. A guerra impôs um doloroso hiato nessas como em muitas outras atividades culturais no país. Sobre esse conflito armado, cf. Augel, (1998b, disponível em português no site: <http://www.uni-bielefeld.de/sdrc/homesdrc>).

¹² Infelizmente, a grande maioria dos professores não domina inteiramente o português, sobretudo a escrita, o que não contribui para a eficiência do ensino.

A MÚSICA NA LÍNGUA GUINEENSE

Passando em revista as manifestações culturais expressas na língua guineense, destaca-se desde cedo a música popular. Festas populares, os famosos “bailes da tina”, foram mesmo proibidos pelo governo colonial, sempre atento em combater as afirmações identitárias africanas.

Outra manifestação popular no campo musical são as tradicionais canções das *mandjuandadi*, ainda hoje apreciadas e difundidas, estando-se atualmente mesmo a se presenciar um renascimento desse gênero nos centros urbanos mais populosos como Bissau, Gabú, Bafatá, Cacheu. São cantadas em reuniões de *mandjuandadi*, agrupamentos de indivíduos de ambos os sexos, da mesma faixa etária, com uma estrutura social específica e hierarquizada, que se confraternizam em festas e encontros sociais.¹³ São textos em geral muito breves, cantados quase sempre por mulheres, muitas vezes improvisados, presentes em certas ocasiões específicas, tais como festas de noivado, de casamento, cerimônias fúnebres (*tchur*, “choro”), encontros de convívio social e muitas outras. Embora existam agrupamentos em que as cantigas sejam cantadas em línguas étnicas, o guineense predomina na maior parte dos grupos.

Durante todo o período da luta armada (janeiro 1963/setembro 1973), compositores e intérpretes populares e iletrados, cantores do povo, animaram os combatentes com seus cantos guerreiros, nos mais diversos idiomas desse variadíssimo mosaico lingüístico que é a Guiné-Bissau. O angolano Mário Pinto de Andrade registra algumas delas na sua **Antologia temática de poesia africana** (II, 1979, p. 17-33) e anteriormente na coletânea que organizou, publicada em francês, **La poésie africaine d’expression portugaise** (1969). Antes de cantarem abertamente “a confiança no Partido, a certeza na libertação, a vitória do poder das armas”, lembra Mário de Andrade, já florescia no país um estilo musical em crioulo, muito apreciado, de fundo satírico e cheio de alusões, cujo sentido muitas vezes cifrado só era alcançado pelos próprios guineenses. A salvaguarda da memória dessa manifestação cultural ainda está por fazer, havendo apenas alguns poucos registros em discos surgidos logo depois da independência por iniciativa do Departamento de Edição/Difusão do Livro e do Disco (Dedild), como **No canta no liberdade. Uma cartucheira cheia de canções**, editado pelo então Conselho Nacional de Cultura em Bissau, infelizmente sem data, mas certamente ainda na década de 1970. Parte dos textos documentados por Mário Pinto de An-

¹³ Odete Semedo (1996b e c) tem em andamento uma pesquisa pioneira sobre as *mandjuandadis*, da qual a revista *Tcholona* publicou pequenas amostras.

drade coincidem com os desse disco, hoje raridade, só encontrada em antiquários, como toda a excelente e importante obra musical da época da independência.

A canção urbana em crioulo foi retomada com dinamizadora energia sobretudo por José Carlos Schwarz, o criador da moderna música guineense (cf. AUGEL, 1997). Já no começo da década de 1970, José Carlos constituiu o conjunto musical “Cobiana Djazz”, que teve uma grande popularidade e foi o primeiro a tomar a iniciativa de cantar em crioulo, numa época de muita tensão política e social, quando se iniciou a luta armada pela libertação da Guiné e de Cabo Verde. Grande defensor do uso do crioulo como língua veicular da nova nação guineense, fez dele o principal instrumento de divulgação e popularização da sua arte. E a ousadia de cantar publicamente na língua utilizada pelas camadas menos aculturadas, desprezando o idioma do colonizador e da elite local, era provocação bastante face às autoridades portuguesas. Nessa época, seus textos eram marcados por uma velada crítica ao regime opressor, disfarçada numa linguagem metafórica e poética, rica em provérbios tradicionais. A repercussão, a influência e o impacto que José Carlos Schwarz, com o “Cobiana Djazz”, tiveram no período imediatamente antes e após a independência foram extraordinárias. O conteúdo das canções do “Cobiana”, a mensagem que transmitia, empolgava as pessoas, levando-as a identificarem-se com a causa revolucionária. A simples presença de José Carlos, cuja fama já era imensa, servia de fator de mobilização das pessoas. Com a independência e a estabilização da nova ordem pública, o “Cobiana Djazz” elevou-se à categoria de orquestra nacional da recém-fundada república e passou a acompanhar membros do governo a missões no exterior, levando para fora a boa música guineense. José Carlos morreu num acidente de avião no dia 27 de maio de 1977, com 27 anos de idade e ainda hoje continua vivo no coração do povo, celebrado com emoção.

A música guineense contemporânea continua muito popular e apresenta um grande dinamismo e originalidade, tendo conseguido impor-se inclusive no exterior. Os seus representantes conservaram em grande parte o engajamento já demonstrado por José Carlos Schwarz e a música de intervenção, de crítica política e social, é uma das constantes do repertório de quase todos os conjuntos musicais e os compositores guineenses optam quase sempre pelo crioulo.

AS ESTÓRIAS EM QUADRINHOS

Outro tipo de texto muito popular são as estórias em quadrinhos, chamadas na Guiné-Bissau “banda desenhada”, expressão calcada no francês e de uso dos portugueses. Os mais famosos autores de cadernos ou folhetos com estórias

cheias de humor e sátira são os irmãos Manuel e Fernando Júlio, cujos primeiros cadernos foram comentados por Pinto Bull (1989, p. 121-128) em sua obra sobre os “saberes” de seu país. Os dois irmãos mereceram comentários altamente elogiosos em um artigo na revista guineense **Soronda**, aliás condensação de um outro artigo anteriormente saído na França. (cf. KIHM e ROUGÉ, 1988; 1992)

A língua desses desenhistas-escritores é o crioulo e eles mesmos comercializam seus trabalhos, publicados primeiramente em rústicas reproduções mimeografadas e vendidos tanto pelos autores como por intermediários ambulantes ou instalados nos mercados da cidade.¹⁴ Kihm e Rougé (1992 e 1988) questionam-se sobre a propriedade de considerar as estórias em quadrinho como uma arte inferior ou não, sobretudo na Guiné-Bissau onde não havia, na época em que começaram a circular, na década de 1980, quase nenhuma obra literária publicada. Os temas refletem a realidade cotidiana urbana e as personagens são representantes do mundo em que circulam os seus leitores, onde a maior parte da população não tem emprego fixo, vivendo de “expedientes” e trabalhos circunstanciais. A sátira social é consciente e bem dosada, embasada numa visão realista do momento atual, emparelhada a estórias picantes, onde o sexo pode quase chegar à obscenidade, mas que atinge com certeza o gosto popular. Fernando Júlio notabilizou-se com a publicação de uma série de estórias com os **Tris N’kurbados**, título que aqui poderia ser traduzido como “Os três malandros”, “Os três espertalhões”, e onde o eterno confronto entre a brutalidade e a estupidez de um lado e a astúcia e a inteligência do outro, como tradicionalmente entre a hiena e a lebre, são representados por três engraçadas figuras, sempre metidas em estrepolias e malandragens. Da mesma forma digno de referência é o seu irmão gêmeo, Manuel Júlio, que nos inícios da década de 1980 criou a personagem Ntori Palan, e suas aventuras ainda hoje são muito conhecidas.¹⁵ O papel de anti-herói dessas personagens é evidente, caracterizado aqui pela astúcia, pela sagacidade, pela esperteza e os recursos que usa para conseguir o que quer, sem nenhum escrúpulo. Ambos os irmãos continuam empenhados nas “bandas desenhadas”, confeccionando muitas vezes pequenas brochuras em quadrinhos, com fins didáticos e esclarecedores, encomendadas pelas instituições as mais diversas.

Os muitos jornais que hoje em dia circulam na Guiné-Bissau trazem obrigatoriamente um comentário sobre algum acontecimento político brisante em forma de uma breve história em quadrinhos bastante caricatural. Os irmãos Júlio destacam-se sobre todos nesse gênero.

¹⁴ Hoje em dia a impressão é um pouco melhor e o leitor pode encontrar esses cadernos no maior super-mercado de Bissau e em outros mercados populares.

¹⁵ Cf. apresentação, tradução e comentários de uma das aventuras de **Ntori Palan** (caderno n. 2) em Bull (1989, p. 121-128).

Dignas de nota são as publicações de ambos os irmãos, saídas durante a guerra de 1998-99. Em “A guerra desenhada”, Fafali Koudawo (2000) trata em especial de dois cadernos de Fernando Júlio. O primeiro tem o título “Lutu na polon di Bra” e o segundo, “Panha ku mon”, quadrinhos onde as principais personagens são os chefes das duas facções em conflito, apresentando todo o decorrer dessa guerra de forma caricatural e hilariante, onde as referências aos costumes tradicionais e ao mundo simbólico guineense formam uma base de grande criatividade e com um excepcional valor de afirmação identitária. O artista transpõe, desconstrutivamente, o conflito para o mundo familiar e cotidiano, embora mantenha a apresentação fiel da cronologia do desenrolar dos acontecimentos: a Guiné-Bissau é uma *tabanca* (uma aldeia), a população é a do mundo rural, o presidente da república é o chefe da *tabanca*, o chefe supremo do exército é o guardião do depósito das ferramentas e outros utensílios, o parlamento é o conselho dos anciãos, as armas são machetes, facões, machados, lanças. As únicas notas exóticas nesse cenário, comenta Koudawo (2000), são os aviões e “as incontornáveis gravatas e malas de diplomatas” (p. 289). Como o comentarista F. Koudawo observou, Fernando Júlio “tendo escolhido rir e fazer rir da guerra civil que assombrou a Guiné-Bissau”, relata a seu modo “onze meses de conflito sangrento sem mostrar nem uma gota de sangue nem desenhar um único cadáver” (p. 294). O que lhe interessou foi, pelo viés da caricatura e do histriônico, desnudar o lado absurdo daquele episódio.¹⁶

A LÍNGUA GUINEENSE E A ORATURA

É laborioso tanto para quem escreve como para quem lê, fazê-lo num sistema que não está ainda inteiramente unificado e no exercício do qual não se tem ainda quase nenhuma prática. Para quem parte do português como norma, o fluxo da leitura é perturbado pelo estranhamento da grafia, havendo a tendência a desistir-se da leitura, voltando-se para aquilo com o qual se está mais acostumado, o português. Mas é imprescindível que se multipliquem as publicações e se uniformize o quanto antes a escrita.

No domínio literário propriamente dito, sobressai primeiramente o papel representado pela Editora Nimba, com sua Oficina Gráfica, criada logo depois da independência. Editou contos da oratura em crioulo, como por exemplo, de Augusto Pereira, **Lubu ku lebri ku mortu i utrus storya di Guiné-Bissau**, cujo primeiro volume apareceu em 1988 e o segundo em 1989, numa edição bilingüe,

¹⁶ Cf. as referências bibliográficas no final.

com uma modesta mas expressiva capa feita para essa finalidade pelo artista moçambicano Chichorro. A editora continua suas atividades, mas está hoje em franca decadência.

São da maior importância, sobretudo, os trabalhos de Teresa Montenegro e Carlos de Moraes que pesquisaram durante muitos anos na região de Bolama, cidade que fora a primeira capital da colônia (até 1940), e reuniram uma extensiva recolha, apresentando posteriormente análises de diferentes aspectos da oratura guineense. Foram feitas inicialmente duas publicações com os primeiros resultados: *N' sta li n' sta la*, um livro de adivinhas (1979a) e *Junbai. Storias do que se passou em Bolama* – e outros locais – com bichos, pecadores, matos, serpentes e viagens ao céu nos dias de 1979 (1979b).¹⁷ Ambos são edições comemorativas do centenário da Imprensa de Bolama, os primeiros livros em crioulo que foram editados no país.¹⁸ A recolha processada por esses dois estudiosos não cessou ainda de apresentar preciosos frutos.

Djunbai é um termo crioulo que pode ser traduzido como “convívio” e com esse título os autores quiseram fazer sobressair o caráter comunitário, de interação social em que se enquadram o narrador ou a narradora de histórias e seu público. Através dessas histórias, afloram de modo plástico e convincente as experiências e vivências das diferentes comunidades culturais que constituem a textura da sociedade guineense. O crioulo é o “leito comum” para o qual confluem “águas de várias procedências” (MONTENEGRO e MORAIS, 1979b, p. I), das mais variadas etnias que conformam o mosaico étnico da Guiné-Bissau.

Essas duas obras constituem uma louvável tentativa de decodificar o modo de estar-no-mundo e de detectar as raízes da memória coletiva guineense em suas tradições, em sua filosofia. Ao mesmo tempo, colaboram para a legitimação da língua guineense elevando-a, por meio da palavra impressa, fazendo-a sobressair como genuína expressão literária.

Teresa Montenegro, chilena de nascimento e radicada há quase 20 anos na Guiné-Bissau, é uma pesquisadora incansável, de grande sensibilidade e seriedade de trabalho. Durante muitos anos foi responsável pelo setor de publicações do Inep (o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, instituição consagrada internacionalmente como centro da investigação social, econômica e política do

¹⁷ Novamente a questão da grafia pode trazer certa confusão. Na época da publicação estava-se tentando uma normatização ortográfica a partir das diretrizes recém criadas pela nova república. Mas as grafias *djunbai* ou *djumbai*, mais próximas da pronúncia do fonema inicial, têm prevalecido hoje em dia. Também há hesitações quanto ao emprego dos grafemas *n* ou *m* antes das labiais *b* e *p*. A tendência, aí, é preferir a grafia mais próxima do português.

¹⁸ Russell Hamilton (1984, p. 224-231) dedicou um longo comentário a essas duas obras no capítulo sobre “A arrancada tardia de uma literatura”. O subcapítulo tem o expressivo título “A legitimação do crioulo guineense como linguagem literária”.

país), é cofundadora da KU SI MON Editora (a única editora particular do país), tem divulgado, com persistência, a sabedoria e a beleza da oratura guineense em um grande número de artigos e livros, tanto na Guiné-Bissau como no exterior.

A série **No bai**, organizada e editada por Teresa Montenegro, é uma valiosa coleção de *stórias* de animais, muito conhecidas e de grande aceitação na Guiné-Bissau, em edição bilingüe, em crioulo e em francês, com bonitas ilustrações coloridas do artista guineense Luís Lacerda.¹⁹ Em 1995, é lançado **Uori. Stórias de lama e filosofia**, dos mesmos autores, livro que estava pronto desde 1988, com prefácio do consagrado lingüista português Luís Filipe Lindley Cintra, constando da reprodução de 24 estórias, transcritas em crioulo e traduzidas para o português. Diferentemente das fábulas da coleção **No bai** e à semelhança da primeira recolha **Junbai**, aqui as personagens são humanas, “a rapariga transgressora, o espírito do mato que assistiu a tudo e que terá que a castigar, o caçador exímio na morte e nas artes mágicas, a dona de casa em guerra com a combossa [co-esposa], o pauteiro [vidente paranormal] a derrotar o feiticeiro, o homem que casou com duas mulheres” (MONTENEGRO e MORAIS, 1979b:III). **Uori** é enriquecido com um cuidadoso glossário, com cerca de 300 entradas. Essas obras, ao mesmo tempo que divertem e instruem, colaboram para a legitimação da língua guineense elevando-a, por meio da palavra impressa, fazendo-a sobressair como genuína expressão literária.

A LÍNGUA GUINEENSE COMO LÍNGUA LITERÁRIA

Saindo do domínio da transliteração, praticamente todos os escritores guineenses utilizaram ou utilizam, com maior ou menor freqüência, a língua guineense.

Uma grande inovação – e um passo importante no avanço da construção da auto-afirmação dos jovens escritores guineenses da época imediatamente após a independência – representa o **Espaço crioulo**, a mais extensa parte da segunda

¹⁹ A coleção conta, até o momento, com oito livrinhos, a saber: 1. *Gasela ku Liopardu/ La Gazelle et le Léopard*; 2. *Ami ki mas tudo jiru/ Le plus intelligent des animaux*; 3. *Gera di jintis di riba ku jintis di bas/ La guerre des gens d'en haut contre les gens d'en bas*; 4. *Korosata tabanka di mufunesa/ Korosata, le village de la malchance*; 5. *Kunankoi ku Galiña di matu/ Dame Piqueboeuf et son amie Pintade*; 6. *Lubu ku Lebri ku Pis-kabalu/ L'Hiène, le Lièvre et l'Hyppopotame*; 7. *Timba ku Purku-matis ku Saniñu/ Le Fourmilier, le Porc-épic et l'Ecureuil*; 8. *Siñora na rema, Katibu na jungu/ Madame Pagaye, l'esclave se repose*. Acrescente-se ainda, da mesma editora, o primeiro título da coleção Kindin-Kondon, em crioulo e em português, também uma estória com animais, *Lion, lifanti ku lubu. O leão, o elefante e a hiena*.

²⁰ A primeira coletânea poética guineenses foi **Mantinhas para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau** (1977). O título foi tirado de um poema de António Soares Júnior (Tony Tcheka), que também integra o volume, e corresponde a uma expressão crioula que significa em português “saudações para quem luta!”, numa homenagem explícita aos libertadores do país.

coletânea de poemas publicada no país: **Momentos primeiros da construção. Antologia dos jovens poetas** (1978), numa edição do Conselho Nacional de Cultura.²⁰ José Carlos Schwarz e Hélder Proença, da primeira coletânea, estão presentes e, além deles, Huco Monteiro, Armando Salvaterra, Nelson Medina, Serifo Mané, Djibril Baldé. Todos esses autores, com exceção de Proença, estarão de novo em evidência, quase 20 anos depois, integrando a coletânea editada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau, **Kebur. Barkafon di poesia na kriol** (1996).

Ainda não foi dada a devida atenção ao **Espaço crioulo**. Muitos dos poemas ali reunidos são de qualidade superior aos em língua portuguesa, além de um importante pormenor: a temática é mais diversificada, em parte diretamente ligada à vida do povo e a figuras humanas, com versos de grande sabor e plasticidade; a escolha do vocabulário denota maior liberdade, leveza e criatividade. É uma poesia espontânea, às vezes de tom popular, mais próxima da oralidade, sem o artificialismo grandiloquente que muitas vezes se verifica na poesia patriótica guineense em português, quando a poesia de combate caminhava par a passo com os primeiros “momentos de construção” do novo Estado-nação (AUGEL, 1998a, p. 99-106).

A revista guineense **Tcholona** trouxe, em todos os números de sua curta existência, poemas no idioma nacional. Além disso, praticamente todas as obras literárias publicadas na Guiné-Bissau, de 1993 em diante, incluem textos, ou pelo menos inserem na tessitura textual expressões em crioulo, numa atitude consciente por parte dos autores de assinalar a sua pertença, a sua “guineidade”.

Foi um momento especial na vida literária e cultural da Guiné-Bissau, quando foi oferecido ao público o livro **Kebur. Barkafon di poesia na kriol** (1996), único em muitos sentidos, mas para o qual se esperam muitos seguidores.

A publicação dessa coleção de poemas na língua guineense teve como escopo contribuir para que esse meio de expressão visse seus espaços ampliados, adquirisse cada vez mais o respeito e a confiança por parte do público leitor, e que se multiplicassem as oportunidades para que os autores que optaram pelo crioulo, como seu legítimo e autêntico meio de expressão, pudessem ser lidos, declamados e ouvidos, pudessem ser divulgados, reconhecidos e acolhidos no seio da grande família literária. E isso tem acontecido, de fato, sendo raro um encontro cultural em que não se lance mão dessa antologia.

Os autores ali selecionados têm experiências literárias diversas. Alguns, “veteranos”, já estiveram presentes em periódicos ou em outras antologias, escrevendo tanto em português como em guineense; outros são muito conhecidos em Bissau, freqüentadores de rodas culturais, alguns deles especialmente no mundo da música, sendo do conhecimento geral que escrevem, sem nunca ou quase nunca

terem publicado alguma coisa; outros, ainda, estrearam naquele momento, apresentando pela primeira vez publicamente a sua arte de escrever. É surpreendente verificar a abundância, a qualidade e a riqueza do material ali reunido, o que prova mais uma vez a urgência da publicação de obras na língua nacional.

O título **Kebur**, que também foi o título da primeira cartilha de alfabetização depois da independência, mas que depressa foi posta de lado, significa “colheita” e constituiu uma metáfora muito apreciada nos primeiros momentos pós-independência, como um símbolo de ação e encorajamento, mobilização e idealismo. *Barkafon* significa “alforge”, “bolsa”, imagem aqui usada para expressar a idéia de coleção, coletânea.

Em Bissau, as publicações do Inep, de modo geral, inclusive a da **Série Literária. Coleção Kebur**, assim como as da Ku Si Mon Editora, procuraram uma coerência no campo da escrita. Mas, como a escolha da codificação gráfica dos textos até agora não conseguiu alcançar um consenso por parte de todos os autores, alguns preferindo não abrir mão de certos usos já consagrados, essa desvantajosa imprecisão ainda perdura.

A grande maioria dos autores africanos prefere escrever no idioma do colonizador, embora isso não corresponda geralmente à realidade lingüística de seus países. É possível constatar, em quase todos os autores guineenses contemporâneos, como a língua guineense, entretanto, faz parte integrante do seu universo, numa presença, clara ou sub-reptícia, ao longo das suas obras. Tony Tcheka escolheu para abrir seu primeiro livro individual (1996) uma série de dez poemas que denominou “Kantu Kriol”. Odete Semedo decidiu-se por uma publicação bilíngüe (1996a), com poemas em português e em crioulo. Nas suas obras posteriores (**Histórias e passadas que ouvi contar**, 2000a e 2000b; 2003a) e **No fundo do canto**, 2003b), já procede de forma diferente, lançando mão com freqüência do guineense, inserido na tessitura textual em português. Da mesma forma, Filinto de Barros, em **Kikia Matcho** (1997), respinga seu romance com uma centena de termos em crioulo, explicados no final em um glossário.

São sobretudo Félix Sigá, na poesia, e Abdulai Sila, na prosa, que instrumentalizam com mais espontaneidade e originalidade essa intervenção do crioulo na língua herdada do dominador, trazendo uma grande vitalidade e colorido ao texto literário. A língua guineense é, de fato, onipresente na poesia em português de Félix Sigá. Muitas vezes camuflado, contribui para uma remodelação da língua de prestígio a partir de efeitos originais e refrescantes. O poeta não só introduz na enunciação em português muitos termos e expressões em crioulo, dando o tom de oralidade à fala das personagens, como emprega construções daquele idioma nos enunciados em português. Ele recorre também a vocábulos não só do crioulo como de algumas línguas étnicas, alterando, com empréstimos escolhi-

dos conscientemente, a sintaxe portuguesa culta. Assim, “tocava palmas”, “cabelo tecido”, “cobou-o mal” (insultou-o), “contar passadas” (contar, passando adiante, notícias, acontecimentos ou “fofocas”), “kulkar” (vender na rua ou na feira) são expressões imediatamente detectáveis pelos crioulofonos, mas de difícil compreensão para os leitores exógenos. Félix Sigá também insere frequentemente pequenas frases em crioulo de grande efeito estilístico, ora assinalando uma mudança de registro, ressaltando a origem social do sujeito, ora a passagem de um tema mais geral para outro.

“Pegar teso” (trabalhar duro), “falar mantenha” (cumprimentar), “roncar” (vangloriar-se, contar vantagem), usar “o soco de bas” (usar pistolão), “tomar o couro” (ocupar um lugar de direção), “fumar uma ordem” (dar uma ordem), “apanhar castigo” (ser castigado), “rampar o terreno” (nivelar), uma situação de “afronta” (momento de dificuldade, de “foronta”, desgraça), “branco coitado” (europeu pobre, sem prestígio) são expressões, entre muitas outras, encontradas nos romances *Última tragédia* (1996) e *Mistida* (1997), de Abdulai Sila, dentro de contextos fraseológicos do português culto. Esse autor também usa com frequência torneios sintáticos próprios da língua guineense, tais como “um grande problema que era preciso pensar nele”, construção que ocorre, propositalmente, várias vezes em seus textos.

Abdulai Sila renunciou propositalmente, em dois de seus romances, a acrescentar um glossário ao livro, numa atitude de independência. É preciso, porém, além da dificuldade em decodificar as expressões em crioulo, estar a par do código da cultura guineense para alcançar o significado de certas alusões: conhecer tanto o código “moderno” – por exemplo o papel representado pelos carros de marca *Volvo* (o carro de prestígio nas primeiras décadas depois da independência) e a conseqüente *volvocracia*; ou o significado da *Cicer*, a companhia nacional de fabricação de cervejas (uma fundação que data da época da guerra, quando Portugal teve que satisfazer certas necessidades do grande contingente dos seus soldados) e uma das poucas tentativas industriais do país independente, mas que acabou falhando; saber o que é um *klandô*, (designativo dos bares locais de uma certa época logo depois da liberação), decifrar o significado de um “soco de baixo”, enunciado em português de um termo guineense (*suku di bas*) relativo ao dinheiro pago corruptamente para se alcançar algo da parte de um funcionário público. Mas também é preciso dominar o código “tradicional”, para compreender referências feitas aos *djambakus*, *murus*, *yran*s, aos poderes da *alma biafada*, ao *apoló* (uma forma de castigo em que os presos são amarrados nos tornozelos e colocados de pernas para o ar), ao *kamblech* (cacos de cabaça) e assim por diante.

Em todo o tecido textual há símbolos e situações que podem ser imediata-

mente decodificados pelos guineenses mas cuja significação pode passar despercebida ou ficar incompreendida pelos leitores estrangeiros. O autor usa intencionalmente o estranhamento como um ato retórico. O recurso ao código usual não causa espanto nem admiração, passa praticamente despercebida; é a transgressão a esse código que surte efeito, abala, leva à reflexão.

Ao utilizarem transgressoramente a língua oficial, enxertando-a com crioulistos e elementos de outras línguas étnicas, subvertendo a sintaxe e emprestando-lhe um visual próprio, os autores guineenses estão assumindo uma postura política de rebelde independência, de clara contestação e de distanciamento anticolonialista, nacionalizando o instrumento herdado (a melhor coisa que os portugueses lá deixaram, no dizer de Amílcar Cabral) e sobretudo praticando uma literatura menor, como assim entendem Gilles Deleuze e Félix Guattari (1978): uma produção literária que subverte a língua “maior” que é a língua do dominador (e do segmento dominante). O autor ou a autora comporta-se como ponta de lança de um proclamar coletivo de auto-definição e auto-afirmação. Verifica-se uma orgulhosa postura que ressalta a diferença e que procura seu próprio espaço, movendo-se entre a territorialidade, a desterritorialização e uma reterritorialização. O idioma oficial e elitista, a estética legitimada são desmontados e desestabilizados para dar lugar a uma nova ordem, um novo espaço inventivo e libertário.

A título de exemplo, terminarei com um poema de Odete Semedo (1996), que já se tornou antológico, sendo muitas vezes citado, pois espelha a ambivalência sentida em relação à língua, e por extensão à cultura, do antigo dominador. O poema abre o primeiro livro publicado por Odete e tem como título “Na kal lingu ke n na skirbi nel” – “Em que língua escrever” (p. 10-13), ressaltando a ambigüidade dessa dupla influência, expressando a dúvida em escolher entre a língua do coração e dos sentimentos e a língua que a ligará com o resto do mundo: Foi escrito em ambos os idiomas, embora a tradução não seja literal e nem sempre coincida com o texto em crioulo:

NA KAL LINGU KE N NA SKIRBI NEL

Na kal lingu ke n na skirbi
Ña diklarasons di amor?
Na kal lingu ke n na kanta
Storias ke n kontado?

Na kal lingu ke n na skirbi
Pa n konta fasañas di mindjeris
Ku omis di ña tchon?
Kuma ke n na papia di no omis garandi
Di no pasadas ku no kantigas?

EM QUE LÍNGUA ESCREVER

Em que língua escrever
As declarações de amor?
Em que língua cantar
As histórias que ouvi contar?

Em que língua escrever
Contando os feitos das mulheres
E dos homens do meu chão?
Como falar dos velhos
Das passadas e cantigas?

Pa n kontal na kriol?
 Na kriol ke n na kontal!
 Ma kal sinal ke n na disa
 Netus di no djorson?

O n na ten ku papia
 na e lingu lusu
 Ami ku ka sibi
 Nin n ka ten kin ke na oioin
 Ma si i bin sedu sin
 N na ten palabra di pasa
 Erderus di no djorson
 Ma kil ke n ten pa konta
 N na girtal na kriol
 Pa rekadu pasa di boka pa boka
 Tok i tchiga si distinu

Ña rekadu n na disal tambi na n fodja
 N e lingu di djinti
 E lingu ke n ka ntindi
 Pa no netus ku no herderus bin sibi
 kin ke no sedu ba
 Anos... mindjeris ku omis d'e tchon
 Ke firmanta no storia

Falarei em crioulo?
 Falarei em crioulo!
 Mas que sinais deixar
 Aos netos deste século?

Ou terei que falar
 Nesta língua lusa
 E eu sem arte
 nem musa
 Mas assim
 Terei palavras para deixar
 Aos herdeiros do nosso século

Em crioulo gritarei
 A minha mensagem que de boca em boca
 Fará a sua viagem

Deixarei o recado num pergaminho
 Nesta língua lusa
 Que mal entendo
 E ao longo dos século
 No caminho da vida
 Os netos e herdeiros
 Saberão quem fomos

Ciente da força transformadora e mágica da palavra, a autora hesita em escolher “em que língua escrever”, pois sabe que não só o efeito será diverso, como a própria essência do seu enunciado dependerá dessa decisão. Daí a questão se se articula em sua língua materna e uterina ou se lança mão de um meio de expressão estranho às suas origens. A escritora se põe diante de um problema que precisa resolver e que mostra a ambivalência face à cultura ocidental. Ela quer ser testemunha da sua própria cultura, quer transmiti-la aos seus sucessores (e a seus leitores, acrescento eu). Quer passar adiante “as histórias que ouvi cantar”, quer divulgar “os feitos das mulheres e dos homens do meu chão, [...] falar dos velhos, das passadas e cantigas”, e o lógico seria fazê-lo em seu próprio idioma, que é igualmente o das pessoas e dos fatos aos quais ela se refere: “Falarei em crioulo? Falarei em crioulo!”. Falar na sua língua materna e original, gritar mesmo, é o impulso primeiro do eu poético. Mas, seguindo essa direção, restringindo-se ao registro oral, o testemunho que tanto deseja prestar, passando apenas “de boca em boca”, não chegaria a expandir-se muito, pois a posteridade só tomará conhecimento do que ela tem a dizer se a poetisa deixar escritos tais feitos, e isso numa língua que transcenda os horizontes da sua terra natal. O eu enunciativo tem que se decidir: “Mas que sinais deixar aos netos deste século?”, e o faz de uma manei-

ra pragmática: “deixarei o recado num pergaminho nesta língua lusa [...] os netos e os herdeiros saberão quem fomos” (ib., p. 11).

Escrever em português significa, porém, usar um veículo de segunda mão, empalidecer a riqueza da tradição, da história e dos sentimentos da sua própria cultura. Assim, o eu poético tem que decidir-se à renúncia de algo que lhe é essencial, em favor do dever supra-ordenado e que julga imprescindível: transmitir às gerações futuras como que a prova da existência da cultura da sua gente. E cabe uma tal tarefa – o texto na língua guineense é mais longo e mais explícito – “anos... mindjeris ku omis d’e tchon” (a nós, mulheres e homens deste chão), pois são eles, e só eles, que de fato podem *firmanta no storia* (ib., p. 12). Trata-se, portanto, a meu ver, nesse poema de abertura do livro inaugural de Odete Semedo, de um texto programático, da articulação proposital de uma tomada de posição que transcende a esfera pessoal e íntima dos demais poemas e a partir do qual a leitura do resto do livro poderá até certo ponto orientar-se.

Foi por atitude, por posicionamento consciente, portanto, que Odete Semedo optou por um livro bilingüe. Para os guineenses que lerem Odete Semedo, ser-lhes-á fácil detectar laivos da sua origem manjaca, em pequenos detalhes espalhados em um ou outro poema. Não são casuais as referências, por exemplo, à *stera di n bañala* (“[Re]unidos”, p. 66-67), que evoca um tipo de pano de pente (pano tecido num tear “de pente”) muito especial, resultado da junção de vários pedaços de outros panos, e que acaba sendo como que o mostruário do conjunto das peças que uma mulher guarda na sua arca. Ela refere-se também às histórias do pássaro “*se n’há n’há* e das serpentes “do grande mar”, do folclore mandinga (“Saudades”, p. 79) ou “aos passos de asalmas”, as almas defuntas (“Ansiedade”, p. 71). Sua “guineidade” não aflora de modo ostensivo, mas faz parte integrante do seu ser, estando sobretudo espelhada nos poemas na língua guineense.

Há muitos autores que só escrevem na língua guineense, mas até hoje apenas um deles, Nelson Medina, publicou um livro de poemas individual na sua língua materna, **Sol na Mansi** (2002). Pode-se dizer que, com a enorme ampliação do emprego da língua guineense como veículo intercultural, se está diante de um primeiro elemento de identificação coletiva, de tomada de posição, de definição mesmo e que significa uma contribuição importante para o sentimento em comum de nacionalidade.

Os textos em crioulo não são tão raros como muitas vezes se afirma ou pode parecer à primeira vista. O problema é que eles simplesmente quase nunca são mencionados e o silenciamento vale como uma ausência.

Abstract

The Crioulo or Guineese language has developed from the secular and continuous contact with Portuguese colonizers. It had the social function of a conveying language between speakers of many different origins, later becoming an autonomous language both in its grammatical and lexical aspects. Nowadays, Crioulo is considered the language of national unity and identity, and the number of speakers having Crioulo as their first, and even only, language has increased, particularly in urban areas. The percentage of speakers who have Crioulo as their second language, in addition to their own ethnical language, reaches 90% or more, while less than 10% of the population speak Portuguese, the country's official language. The absence of a normative orthography of Crioulo makes written communication difficult, but does not hinder it. Besides the translation of prayers and popular pamphlets for political propaganda or for educational and utilitarian purposes, the Guineese language, i.e. Crioulo, was used or has actually been used by all Guineese writers more or less frequently.

Key words: The crioulo or Guineese; Social function; National unity and identity; Oral literature.

Referências

- AMADO, Leopoldo. *Elegia ao Professor Pinto Bull*. Lisboa, Fevereiro 2005. Disponível no site: <http://didinho.no.sapo.pt/elegiaaoprofessorpintobull.html>.
- ANDRADE, Mário Pinto de. **Antologia da poesia negra de expressão portuguesa. Precedida de Cultura negro-africana e assimilação**. Paris: Pierre Jean Oswald, 1958. (reprint 1970: Kraus Reprint)
- ANDRADE, Mário Pinto de. **Literatura africana de expressão portuguesa**. v. 1, *Poesia*, Argel: 1967; v. 2, *Prosa*, 1968. (reprint 1970: Kraus Reprint)
- ANDRADE, Mário Pinto de. **La poésie africaine d'expression portugaise**. Paris: Pierre Jean Oswald, 1969.
- AUGEL, Moema Parente (Coordenação e prefácio). **Kebur. Barkafon di poesia na kri-ol**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), 1996. (Série literária, Coleção Kebur, v. 1)
- AUGEL, Moema Parente. **Ora di kanta tchiga. José Carlos Schwarz e o Cobiana Dja-zz**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), 1997. (Série literária, Coleção Kebur, n. 6)
- AUGEL, Moema Parente. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), 1998a.
- AUGEL, Moema Parente. "Guiné-Bissau ka pudi kaba!". Disponível na internet (em português), no site: <http://www.uni-bielefeld.de/sdrc/homesdrc>. 1998b.

AUGEL, Moema Parente. “No ka pudi tapa sol ku mon – o crioulo guineense como língua literária?”. In: PAPIA. *Revista de crioulos de base ibérica*. Brasília: Universidade de Brasília, n. 10, p. 5-22, 2000.

BARROS, [Cônego] Marcelino Marques de. **“Litteratura dos negros. Contos, cantigas e parábolas**. Lisboa: Typographia do Commercio, 1900.

BARROS, Filinto de. **Kikia Matcho**. Bissau: Centro Cultural Português da Guiné-Bissau, 1997. 2. ed. **Kikia Matcho. O desalento do combatente**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

BENSON, Carolyn Joy. **Teaching beginning literacy in the “Mother Tongue”: a study of the experimental crioulo/portuguese primary project in Guinea-Bissau**. Tese de Ph.D., University of California, Los Angeles, 1994.

BIASUTTI, Artur. **Vokabulari kriol-purtugês**. Bafatá: Missão Católica de Bafatá, 1982; 2. ed., 1987.

BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ PORTUGUESA. Bissau. 110 números, de 1946 a 1973.

BULL, Benjamim Pinto. **O crioulo da Guiné-Bissau. Filosofia e sabedoria**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), 1989.

COUTO, Hildo Honório do. **O crioulo português da Guiné-Bissau**. Hamburgo: Helmut Buske Verlag, 1994. (Kreolische Bibliothek, v. 14)

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Kafka por una literatura menor**. México: Ediciones Eras, D. F., 1978.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau. Registo de uma experiência em progresso**. Bissau: Departamento de Edição Difusão do Livro e do Disco (Dedild), p. 197, 1978.

HAMILTON, Russell G. **Literatura africana, literatura necessária**. Lisboa: Edições 70, v. I: Angola, 1981; v. II: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 1984.

HOVENS, Mart. A experiência CEEF: uma alternativa para o Ensino Básico na Guiné-Bissau?. In: HOVENS, CISSOCO *et al.*, **Estudos pedagógicos do programa PEP, v. I: Ensino Básico**, Bissau: Inde/Asdi, p. 1-84, 1994.

JÚLIO, Fernando. **3 N’Kurbados. Lutadur di Bandjul**. Bissau: Cooperação Française, 1996. (Bande dessinée)

JÚLIO, Fernando. **Lutu na Polon di Brá**. Bissau: Inacep, 1999.

JÚLIO, Fernando. **Assalto final de Bissau. Panha ku mon**. Bissau: Inacep, 1999a.

JÚLIO, Manuel. **Ntori Palan**. Bissau: Centro Audio-Visual, n. 2, 1983.

JÚLIO, Manuel. **Cansera di mininus ta rapati, si nô djunta mon!** Bissau: Amic (Associação dos Amigos da Criança), 1995.

KEBUR. **Purmeru libru di alfabetisason na kiriol**, Bissau: Dipartamentu di Idukason di Garandis, Ministeriu di Idukason Nasional, 1984, 3. ed. (experimental)

KIHM, Alain; ROUGÉ, Jean Louis. Les trois irrécupérables, de Fernando Júlio: édition critique d’une bande dessinée en kriol (Guiné-Bissau). In: **Cahiers du LACITO**, n. 3, p. 107-177, 1988.

KIHM, Alain e ROUGÉ, Jean Louis. 3 N'Kurbados, de Fernando Júlio. Crítica de uma banda desenhada em kriol. In: **Soronda. Revista de Estudos Guineenses**. Bissau: Inep, v. 14, p. 127-136, 1992.

KOUDAWO, Fafali. A guerra desenhada. In: **Soronda. Revista de Estudos Guineenses**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), Nova Série, v. 2, p. 285-294, 2000.

LOPES, Carlos. **Para uma leitura sociológica da Guiné-Bissau**. Bissau: Inep, 1988.

LOPES, Carlos. "A dimensão africana". 18/4/1997. Disponível no site: <http://ciberduvidas.sapo.pt/antologia/lopes.html>.

MEDINA, Nelson. **Sol na mansi. Poemas**. Bissau: Programa de Incentivo a Iniciativas Culturais (PIIC), 2002. (Prefácio de Tony Tcheka)

MOMENTOS PRIMEIROS DA CONSTRUÇÃO. ANTOLOGIA DOS JOVENS POETAS. Bissau: Imprensa Nacional da Guiné-Bissau, p. 92, 1978. (Edição do Conselho Nacional de Cultura)

MIDIOHOUAN, Guy Ossito. **L'idéologie dans la littérature négro-africaine d'expression française**. Paris: L'Harmattan, 1986.

MONTEIRO, António Isaac. O mito do crioulo. Etnicidade e identidade nacional. In: **Tcholona. Revista de letras, artes e cultura**. Bissau: GREC, n. 2-3, p. 1-4, out. 1994.

MONTENEGRO, Teresa. Um **mundu** de provérbios. In: **Tcholona. Revista de letras, arte e cultura**. Bissau: GREC, n. 2-3, p. 5-7, abril, 1994b.

MONTENEGRO, Teresa. MORAIS, Carlos de (Org.). **'N sta lí, 'n sta la. Livro de adivinhas**. Bolama: Imprensa Nacional, 1979a. Projecto, recolha, coordenação, plano gráfico e ilustrações: Cooperativa Domingos Badinca dos Trabalhadores da Imprensa.

MONTENEGRO, Teresa. MORAIS, Carlos de. **Junbai. Stórias do que se passou em Bolama – e outros locais – com bichos, pecadores, matos, serpentes e viagens ao céu nos dias de 1979**. Bolama: Imprensa Nacional/Inacep, 1979b. Com um mapa de Bolama e ilustrações de Nelson Fernandes.

MONTENEGRO, Teresa. MORAIS, Carlos de. **Uori. Stórias de lama e philosophia**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1995b, p. 257.

NO LEI. SUGUNDU LIBRU DI ALFABETISASON NA KIRIOL. Bissau: Dipartamentu di Edukason di Garandis, Ministeriu di Edukason Nasional, 1983.

ROUGÉ, Jean-Louis. **Petit dictionnaire étymologique du kriol de Guinée-Bissau**. Bissau: Inep, 1988.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Gramática e dicionário da língua criol da Guiné-Bissau**. Bologna: Editrice Missionaria Italiana, 1981.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Introdução ao dicionário guineense-português**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do Guineense. vol. II: Dicionário Guineense-Português. Disionariu guinensi-purtuguis**. Lisboa: Edições Faspebi, 2002.

SCHWARZ, José Carlos. cf. AUGEL, Moema Parente 1997.

- SEMEDO, Odete da Costa. A problemática do registo na oratura guineense. In: **Tcholona. Revista de letras, arte e cultura**. Bissau: Grec, n. 1, p. 9-11, abril, 1994.
- SEMEDO, Odete da Costa. **Entre o ser e o amar**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), 1996a. Prefácio de Carlos Lopes. (Série literária, Coleção Kebur, v. 3)
- SEMEDO, Odete da Costa. Um canto para as cantigas de ditu. In: **Tcholona. Revista de letras, arte e cultura**. Bissau: Grec, n. 6/7, p. 24-25, abr./jul., 1996b.
- SEMEDO, Odete da Costa. Um dedo de conversa com a Tia Antera. In: **Tcholona. Revista de letras, arte e cultura**. Bissau: Grec, n. 6/7, p. 5-9, abr./jul., 1996c.
- SEMEDO, Odete da Costa. **Sonéá. Histórias e passadas que ouvi contar I**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 2000a. Prefácio de Moema Parente Augel.
- SEMEDO, Odete da Costa. **Djênia. Histórias e passadas que ouvi contar II**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 2000b. Prefácio de Inocência Mata.
- SEMEDO, Odete da Costa. **Histórias e passadas que ouvi contar**. 2. ed. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2003a. (Cadernos da Lusofonia n. 5)
- SEMEDO, Odete da Costa. **No fundo do canto**. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2003b. Posfácio de Moema Parente Augel.
- SEMEDO, Odete da Costa. “A língua e os nomes na Guiné-Bissau”. Disponível no site: <http://ciberduvidas.sapo.pt/php/portugues.php?id=36>. Consultado em 26/4/2005.
- SIGÁ, Félix. **Arqueólogo da calçada**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), 1996, p. 112. (Prefácio de Teresa Montenegro. Série literária, Coleção Kebur, v. 4)
- SILA, Abdulai. **Eterna paixão**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1994. (Prefácio de Carlos Lopes).
- SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 1995a.
- SILA, Abdulai. **Mistida (Trilogia)**. Praia (Cabo Verde): Centro Cultural Português, Praia-Mindelo, 2002.
- TCHEKA, Tony (António Soares Lopes Jr.). **Noites de insónia na terra adormecida**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), 1996. (Prefácio de Moema Parente Augel. Ilustr. de Manuel Júlio. Série literária, Coleção Kebur, v. 2)
- TCHOLONA. Revista de letras, arte e cultura. Bissau: Grec, n. 1, abr. 1994; n. 2-3, out. 1994; n. 4, jun. 1995; n. 5, jan. 1996; n. 6/7, abr./jul. 1996; n. 8/9, jan./jun. 1997.